

Ipea: economia saiu do fundo do poço

De abril do ano passado até março último, a economia brasileira cresceu 4%, mas em junho próximo a taxa terá caído para 1,4%, pelas estimativas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão ligado ao Ministério da Economia. Os cálculos relativos à produção industrial indicam uma queda bem mais acentuada: de crescimento de 3,2% (sempre em 12 meses) em março para uma re-

tração de 3,3% em junho.

Os técnicos do instituto, cujas análises foram publicadas no "Boletim Conjuntural" de abril, acreditam, entretanto, que a economia na realidade já passou pela pior fase da recessão e agora tende a se recuperar. A explicação está na forma de cálculo: os 4% de crescimento do Produto Interno Bruto, de abril de 91 a março de 92, foram o resultado da comparação com os 12 meses

anteriores — período que começou com o choque do Plano Collor, que praticamente paralisou a indústria.

Depois do que o Ipea chama de "provavelmente o maior período contínuo" em que a economia brasileira não é submetida a choques, os técnicos observam que tudo que ocorre hoje era previsível no fim do ano passa-

do: a lenta recuperação da atividade, a queda gradual da inflação — admitindo-se repiques eventuais — o crescimento das exportações e o aumento das reservas cambiais.

No que se refere à inflação, o Ipea atribui o declínio das taxas, basicamente, à mudança nas expectativas, devido à firme manutenção de uma política econômica que exclui os choques. E o

"Boletim Conjuntural" não hesita em afirmar que "as condições macroeconômicas são amplamente favoráveis à continuidade da tendência de queda".

O quadro geral traçado pelo Ipea é portanto promissor, com uma importante exceção: o instituto adverte que a retomada do crescimento não deverá trazer um aumento correspondente do nível de emprego — e não por-

que a indústria tenha se modernizado. De acordo com os técnicos, a crise econômica levou a uma reorganização da produção industrial que reduziu as necessidades de mão-de-obra: a sua utilização foi racionalizada, as empresas redefiniram funções e eliminaram atividades acessórias, num processo de enxugamento que o "Boletim Conjuntural" considera irreversível.